

# Revista de Guimarães

Publicação da Sociedade Martins Sarmento

## FOLCLORE.

(sem indicação de autor)

Ano: 1904 | Número: 21

---

### Como citar este documento:

(sem indicação de autor), Folclore. *Revista de Guimarães*, 21 (3-4) Abr.-Jun. 1904, p. 121-130

---

Casa de Sarmiento  
Centro de Estudos do Património  
Universidade do Minho

Largo Martins Sarmento, 51  
4800-432 Guimarães  
E-mail: [geral@csarmiento.uminho.pt](mailto:geral@csarmiento.uminho.pt)  
URL: [www.csarmiento.uminho.pt](http://www.csarmiento.uminho.pt)



Este trabalho está licenciado com uma Licença Creative Commons  
Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 Internacional.

<https://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/>

# FOLKLORE

---

## Lendas de mouras

### 1.ª

Ao pé dos penedos de S. Gião (afamados por occultarem grandes thesouros) havia uma mina d'agua com uma preza que um homem chamado Fructuoso ia abrir todos os dias, e, todas as vezes que ia abrir a preza, sentia uma voz sahir do interior da mina e chamar cá para fóra: «Fructuoso! Fructuoso!»

O homem respondia, mas ninguem lhe apparecia. Uma vez, porém, que a voz chamou por elle e elle respondeu, viu sahir da mina para fóra uma coisa meio mulher e meio bicho, chegar-se a elle, e dizer-lhe: «Fructuoso! Toma lá este pão—e, dizendo, entregou-lhe um pão de quatro cantos—guarda-o e esconde-o onde tua mulher não saiba, nem possa dar com elle, e, de hoje a um anno e um dia, volta cá, que, se voltares e trouxeres o pão, grandes riquezas has de levar.» O homem foi para casa e, occultamente, fechou o pão, dentro de uma caixa, á chave. A mulher, notando aquella caixa sempre fechada e desconfiando do caso, ás escondidas, abriu-a; deu com o pão e tirou-lhe um canto; mas, começando o pão a verter sangue, a mulher, assustada, depoz na caixa o pão, sahio e não revelou nada ao marido.

Este, que ignorava o que se tinha dado, foi na fôrma do costume abrir a preza de agua; porém, apenas lá chegou,

logo lhe appareceu a tal coisa, meio mulher e meio bicho, e disse-lhe: « Fructuoso! Fizeste a minha desgraça! Tua mulher deu com o pão e partiu-o. Aquelle pão era a burrinha em que eu havia de sair d'aquí do meu encanto, e com que tu havias de alcançar grandes riquezas.»

## 2.ª

Um dia andava uma pastorinha com o seu rebanho no monte de Boi-morto e viu sahir debaixo de uma lapa uma cobrinha muito bonita; a cobrinha chegou-se a ella, e disse-lhe que, quando ali voltasse, pedisse á mãe um bocadinho de bôlo e lh'o trouxesse. A pastorinha assim o fez: no dia seguinte trouxe o bôlo. A cobrinha, logo que a avistou, aproximou-se d'ella e disse-lhe: «Deixa-me subir por ti acima e bafejar-te na bôcca, mas não te assustes, que eu não te faço mal.» E começou a subir pela pastorinha fóra; mas esta assustou-se e, dando um grande estremeção, sacudiu a cobra, e fugiu. Depois foi contar tudo a um irmão, e, entre ambos, combinaram que fosse elle, que era mais animoso, ter com a cobrinha e lhe levasse o bolo. Foi o irmão; mas, quando sentiu a cobrinha a subir por si acima, assustou-se tambem, sacudiu a cobra e fugiu. Foi ter com a irmã e referiu-lhe o que se tinha dado; mas a irmã animando-o, rogou-lhe que voltasse lá e que não tivesse medo. O irmão, então, embrulhou-se n'uma capa, tomou o bolo e foi ter com a cobrinha, que, subindo por elle acima, o bafejou na bôcca; mas, apenas o bafejou, logo se tornou n'uma menina muito bonita. O rapaz pegou na menina, levou-a para casa e mostrou-a á mãe, que logo a metheu na cama; mas, apenas a metheu na cama, a menina fez-se uma donzella muito formosa e muito perfeita. Por fim, o rapaz casou com ella, e foram ambos tirar um grande thesouro que estava encantado debaixo da lapa.

## 3.ª

Nas «campas», pelo lado de cima de Padronêllo, andando uma vez uma pegureira com as suas ovelhas, appareceu-lhe uma menina muito bonita, a fiar na sua roca, e pediu-lhe se lhe dava meio quartilho de leite e lh'o levava todos os dias. O pegreiro deu-lhe o leite, e a menina deu-lhe

em troca uma gaitinha, e disse-lhe: «Toma esta gaitinha, não a dês a ninguém, e, amanhã, quando trouxeres o leite, traz a gaitinha contigo.» O pegureiro levou a gaita, e, chegando a casa, esquecido da recommendação da menina, deu a gaita a outro rapaz para este tocar n'ella, mas, começando este a tocar, a gaita desfez-se em ouro. O pegureiro tal susto teve ao vêr a gaita desfeita em ouro, que não tornou mais a vêr a menina.

\*

Em Soalhães ha dois penedos muito volumosos. Um, pouco distante do monte da Pena, alto com uma serie de cavidades (corrosões naturaes), fundas, largas, de fôrma arredondada, regularmente espaçadas e dispostas em ordem ascendente da base até á corôa. O povo chama-lhes escadinhas, e diz que é por aquellas escadas que, na manhã de S. João, sobe uma moura a assoalhar na corôa do penedo o thesouro, de mealdas e moedas de ouro, alli encerrado. Diz mais o povo que se não pôde extrahir aquelle thesouro, cavando no chão; quem tentar a empreza, ás primeiras cavadelas que der, é acometido de taes dôres de barriga e tão violenta soltura, que tem de fugir á pressa de calças na mão, para evitar maior desastre.

O penedo, a despeito d'este perigo, está todo escavado á roda.

O segundo penedo fica um bocado mais acima do antecedente. É tambem alto, mas sem escadinhas. Chamam-lhe o penedo do «meio dia». Uma rapariga, que interroguei ácerca d'este penedo, disse-me que na manhã de S. João subiam á corôa do penedo tres mouras, novas e bonitas, se estendiam n'as ao sol e se punham a fazer *certas coisas*, que me não pôz bem pelo claro, mas que, do sorrir malicioso e das reticencias da narradora, conclui que não eram de todo limpas, nem decentes. Tem lenda quasi igual a uma das que vão referidas e que, em resumo, é a seguinte: «Que na manhã de S. João um homem passára n'aquelle sitio e que uma moura, nova e formosa, o chamára e lhe mostrára um grande thesouro, alli encerrado; que em seguida, a moura lhe entregára um pão de quatro cantos, e lhe recommendára que o guardasse e escondesse da mulher, e que, d'aquelle dia a um anno, voltasse com o pão, que, em troca, levaria aquelle thesouro; que o homem fechára o pão á chave dentro de uma

caixa, ás escondidas da mulher, mas que esta arrombára a caixa, dera com o pão e lhe tirára um canto; que o pão começára a verter sangue e que a mulher, assustada, depozera o resto do pão na caixa, revelára tudo ao marido, e lhe perguntára que pão era aquelle que, partido, assim vertia sangue; que o marido, depois de ter dito á mulher que era ella a causa de elle perder uma grande riqueza, por ter partido aquelle pão, fôra ter com a moura, para lhe confessar tudo; que a moura já tudo sabia, e respondera ao homem que, partindo o tal pão, a mulher lhe arrancára uma perna á sua burrinha, por quanto aquelle pão era a burrinha em que ella moura havia de sahir do seu encanto na manhã de S. João, e agora nunca mais d'alli sahiria; e que elle, homem, perdia o thesouro que ali estava guardado.

## 4.ª

Havia uma mulher que todos os dias ia lavar a roupa a uma preza de agua, e, todas as vezes que lá ia, encontrava uma cobra muito mansinha, de côres muito bonitas, a passear ao pé da preza. De uma das vezes, tão encantada ficou da mansidão e lindas côres da cobra, que exclamou toda admirada: «Oh! que bonita cobra!» E esta, tomando falla, respondeu-lhe, — que mais linda seria ainda se a mulher lhe deixasse mamar todos os dias um bocadinho do seu leite. A mulher conveio n'isso.

Passados dias, a cobra, depois de ter tomado o leite, disse á mulher que fosse para casa, que despejasse e limpasse bem uma das suas caixas, que a fechasse á chave, e que só passado um anno e um dia a tornasse a abrir. A mulher assim o fez. D'ahi por diante começou a mulher a notar que, de todas as vezes que ia dar de mamar á cobra, esta se ia transformando, pouco e pouco e de dia para dia, de cobra em gente, até que por fim, passado tempo, se transformou de todo n'uma formosa menina. Transformada assim a cobra, disse então esta á mulher que fosse ella para casa e que abrisse a caixa, o que esta fez; e, aberta a caixa, foi encontral a, com grande espanto seu, toda rasa de peças de ouro. A cobra nunca mais foi vista.

## 5.ª

Em Villabôa de Quires, perto do Crasto, morava um homem chamado Amaral, casado e muito pobre. Um dia sahio de

casa a buscar fortuna, e, depois de correr muitas terras, foi ter á Moirama. Ahi encontrou dois mouros que o reconheceram, e lhe disseram que elle era de Villabôa de Quires e morava ao pé do Crasto; depois, mostrando-lhe, um dos mouros, tres varinhas e um sacco que na mão tinha, perguntou-lhe se elle era capaz de voltar á sua terra, a Villabôa de Quires, e subir ao Crasto, e procurar lá tres penedos, que lá estão e ir ao segundo dos taes penedos e bater com aquellas varinhas no penedo, até elle se abrir ao meio, em duas ametades, e sahirem de dentro para fóra tres mourões, um dos quaes lhe havia de entregar uma corneta, que elle havia de metter dentro d'aquelle sacco, e atal-o depois bem atado; depois, sem que entrasse em casa nem fallasse a ninguem, voltaria em direitura para a Moirama, a entregar-lhe a corneta; que, se tudo assim cumprisse e viesse entregar a corneta, nunca mais seria pobre. Tudo prometeu cumprir o homem, e partiu. Chegou á sua terra, subiu ao Crasto, deu com os tres penedos, bateu com as varinhas no segundo penedo, este abriu-se, e de dentro sahiram os tres mourões, um dos quaes lhe entregou a corneta. Feito isto, o homem, em vez de ir logo em direitura para a Moirama, foi para sua casa, para descansar um pouco, — pois vinha muito fatigado, — e partir depois. A mulher, que o viu assim fatigado, pediu-lhe que se deitasse e dormisse um pouco, e despisse a roupa para lh'a lavar. Deitou-se o homem, e adormeceu logo. A mulher entra, vê ao lado do homem adormecido o sacco cuidadosamente atado; desata-o, dá com a corneta, tira-a para fóra e principia a tocar-a. N'isto, começam as peças d'ouro a pingar do tecto da casa. O marido desperta aos sons da corneta, vê a mulher a tocar-a e brada-lhe: «Ai! mulher que me deitas a perder!» Ella responde-lhe: «Cala-te, homem! Tu não vês tanto dinheiro a cahir?» O homem, espantado, salta da cama fóra, empunha a corneta, e desata a tocar sem cessar... E o ouro a chover, a chover, a chover, até que encheu tudo. Depois d'isto, ficaram os Amaraes muito ricos.

Aquella corneta era o instrumento com que os dois mouros da Moirama haviam de desencantar o ouro dos penedos do Crasto, e fazel-o cahir na Moirama, tocando-a elles de lá. Assim, ficaram logrados, e as riquezas foram para os Amaraes.

\*

Nos Chocoes (Taboado) ha um grande penedo com uma lapa por baixo; batendo-lhe com uma pedra, toca como um

sino. Está encantado; não lhe entra broca, nem pega fogo. Sabiu aqui um sapo a uma rapariga e seguiu-a por muito tempo, a pedir-lhe beijos.

Se a rapariga o beijasse, quebrava-lhe o encanto, e ficava elle « gente ». — Era uma moura encantada.

J. V. C. M.

\*

*Conto?* Uma mulher, que vivia no Terreiro da Misericórdia, ouviu uma noite, perto da meia noite, uma bulha na rua como o tinir de cadeias de ferro. Julgou ser algum cão, que se desprendesse e arrastasse com elle o cadeado, mas abrindo a janella e olhando para a rua viu que era um vulto humano. « Ora vae que não vaes abi por nenhum mal que te eu fizesse. » E ia a fechar a janella, quando o vulto lhe diz de baixo: « Amanhã á meia noite has-de-me apparecer no adro de S. Pedro d'Azurey. »

A mulher no dia seguinte foi-se ter com um padre e contou-lhe o que se tinha passado. O padre disse-lhe: « Não tem remedio senão ir. Mas vá, faça um São Solimão no adro e metta-se dentro d'elle. Só assim é que não terá perigo. » Assim mesmo o padre foi pedir aos frades que rezassem pela mulher. Na noite marcada a mulher foi, fez o São Solimão e metteu-se dentro d'elle e á meia noite em ponto o vulto appareceu e disse-lhe: « Ora vae, o que te vale não é o São Solimão, é o Frade da Tamanca (dos Capuchos) que está a rezar por ti. Nunca mais te tornes a metter com quem passa. » (Colligido por F. M. Sarmento, caderno n.º 45, pag. 11).

\*

*Adro.* Havia em certa aldeia uma rapariga muito affouta. N'uma noite d'esfolhada perguntaram-lhe se ella era capaz d'ir ao adro da Igreja e para desenganar os incredulos sahiu da esfolhada e voltou tempo depois. Alguns dos incredulos duvidaram ainda que ella tivesse cumprido lisamente a promessa. « Tanto fui que por signal encontrei no adro este lençol. » Ao vêr o lençol todo o mulherio começou a instar que tornasse ella ao adro restituir o lençol que talvez pertencesse a algum defuncto. A rapariga disse promptamente que tornava ao adro a pôr o lençol onde o achou, e foi. Mas chegando ao adro viu uns poucos de defunctos a pas-

sear ali, e um d'elles disse-lhe: « Ah! é o meu lençol. » E tirou-o das mãos da rapariga cobrindo-se com elle. A animosa moça não durou tres dias. (Idem, cad. n.º 45, pag. 15).

\*

*Alma penada.* As lavadeiras do Campo da Feira juntavam-se todas quando tinham de lavar á meia noite, porque constava que por baixo da ponte andava a alma d'uma ama de Villa Pouca, que tinha atirado um filho recém-nascido ao rio, tendo sido condemnada a procurar todos os ossos da creança. (Idem, idem, pag. 16.)

\*

*A grande mulher da mantilha preta.* Uma beata, ainda hoje viva, levantou-se para ir á missa das almas a S. Paio, mas enganou-se na hora. Quando chegou perto da igreja viu tudo fechado e só; mas do lado da viella da Misericordia sabia uma mulher muito alta com uma mantilha, que lhe ia a rastos. « Vae-se confessar a S. Francisco » (a primeira missa depois da das Almas), disse consigo a beata, vendo seguir a mulher para o lado de S. Francisco. Esperando pelas horas da sua missa, a beata foi sentar-se á porta da igreja de S. Paio, quando o relógio bateu meia noite. De repente viu defronte de si a mulher da mantilha, mas dizendo-lhe: « Credo! Cruzes! Abrenuntio! », a mulher desapareceu de repente, parecendo mais que ia pelos ares que pelo chão. Era o diabo ou alma do outro mundo. (Idem, idem, pag. 17).

\*

*Por baixo de silvaes, etc.* Era um moço que conversava uma de tres irmãs. Todas ellas tinham fama de bruxas. O moço foi uma noite fallar com a conversada, mas esta pediu-lhe que se fosse embora, porque n'aquella noite ella e as irmãs tinham que fazer. O rapaz pediu e instou para que o deixassem ir com ellas e por fim a conversada cedeu depois d'obter d'elle a promessa de que não revelaria nada do que visse. Foi preciso ungil-o com certos unguentos, dando o que, o moço tinha de dizer: « por cima de silvaes e por baixo de carvalhaes ». Mas no momento critico o rapaz enleou-se e trocou a formula, e eil-o levado n'um vôo rapido por baixo de



silvaes e por cima de carvalhaes, apparecendo de madrugada moido e pisado, mais morto que vivo. (Idem, idem, pag. 21).

\*

*Historia.* Era uma vez um homem casado com uma mulher tão parva, que chegou a pensar que não havia em todo o mundo ninguem mais parvo do que ella. Para se desenganar resolveu se a correr terras.

Chegando a um sitio viu um homem sentado no *trepo* d'uma arvore e a serrar o tronco d'ella abaixo do *trepo*. « Oh homem! Vocemecê assim que acabar de serrar esse tronco cahe da arvore abaixo. » — « Agora caio! » — « Pois ande lá. » — O homem cahe abaixo da arvore e convenceu-se que o homem era santo; foi a casa, monta n'uma egoa e corre atraz d'elle até o apanhar. « Oh homem! vocemecê é santo, diga-me quando eu heide morrer. » — « Ou! eu sei lá quando vocemecê ha de morrer! » — « Sabe, sabe, vocemecê é santo; soube que eu havia de cahir da arvore, hade tambem saber quando eu hei de morrer. » Para se livrar do importuno o viajante diz-lhe que elle havia de morrer quando a egoa em que ia mijasse tres vezes. O homem voltou para casa e, como a egoa mijasse tres vezes, á terceira atirou-se abaixo gritando que estava morto. Acudiu um outro homem que o ouviu e vendo-o a gritar como um possesso e dizendo que estava morto, chamou-lhe tolo e os dois acabaram por pegar á pancadaria.

O homem foi andando, pensando que nem só a mulher d'elle era tola, quando chegou a outro sitio onde ouviu uma grande festada n'uma casa. Chegou-se e perguntou por que aquillo era. « Estamos aqui a ensaiar-nos para irmos buscar o sol. » O homem ficou admirado, mas os da festa disseram-lhe que se não fossem buscar o sol elle não viria. « Se vocemecês querem experimentar deixem-se ficar aqui e verão como o sol vem sem ser preciso ir buscá-lo. » Ficaram todos muito espantados e resolveram-se a seguir o conselho. D'ahi a pouco o sol appareceu e todos começaram a bradar que o homem era um santo.

Mais adiante encontrou elle umas mulheres a entrar e sahir d'uma igreja levando uns cestos, que punham ao sol no adro e que cobriam com um panno. « Vocemecês que fazem ahi? » — « A igreja é tão fria que nós vimos aqui buscar o sol aos cestos para leval-o para dentro. » — « Vocemecês assim não fazem nada. Se querem sol dentro da igreja tirem al-

gumas telhas do telhado e troquem-nas por telhas de vidro. » As mulheres assim fizeram e ficaram pasmadas da boa lembrança do homem.

Mais adiante encontrou outras mulheres a atirar com ovos ao sino d'uma torre. Perguntou para que servia aquillo e ellas responderam que era para fazer tocar o sino para a missa, porque não queriam ir tocá-lo lá acima á torre. O homem disse-lhes que então deviam pôr um arame no badallo, de modo que o arame chegasse abaixo d'onde se pudesse puxar por elle.

O homem ia-se admirando de vêr tantos tolos.

N'outro sitio viu tres homens n'um campo; um pegava n'uma palheira de centeio ainda com raiz na terra, outro segurava um ferro cortante que ajustava ao pé da palheira e o terceiro dispunha-se a dar uma martellada no ferro. « Vocemecês que querem fazer com isso ? » — « Queremos cortar este campo de centeio. » — « Isso leva-lhes uma eternidade. Se vocemecês querem, eu arranjo-lhes uma bicha, que corta isso em pouco tempo, mas custa bastante dinheiro. Custa 400\$000 reis. » — « Não importa, se ella faz o que vocemecê diz, damos-lhe os 400\$000 reis. »

O homem foi arranjar uma fouchinha e recebeu os 400\$000 reis, mas preveniu-os de que tivessem cautela com a bicha porque ella mordia e era venenosa. Os cegadores começaram a cortar o centeio com a fouchinha, mas o primeiro feriu-se com ella. Como sabiam que ella era venenosa, para o veneno não contagiar mais ninguem resolveram matar o homem ferido e dar tambem cabo da bicha. Começaram á paulada á fouchinha, mas um d'elles deu-lhe uma pancada no cabo, e a fouchinha resaltou e veio se-lhe espetar de ponta na testa.

Os homens largaram a fugir com medo da bicha e foram chamar os vizinhos e então começaram todos de longe a atirar tiros á fouchinha a vêr se matavam a bicha.

O homem, que tinha voltado por ali, vendo aquillo, não quiz saber de mais e voltou para sua casa desenganado de que havia gente mais tola que a sua mulher. (Idem, idem, pag. 22).

\*

*Receita* contra as dôres da creança recém-nascida.

Pega-se nos « pannonos » d'ella e chegando a uma fonte passam-se tres vezes por cima da agua, mas sem os molhar repetindo de cada vez :

« Oh fonte ! que tens virtude,  
Oh agua ! que de ti sahes,  
Fazei com que esta creança  
De dôres não chore mais. »

Ou esta :

« Oh fonte ! tu que me ouves,  
Á luz do sol me juraes,  
Fazei com que esta creança  
De dôres não chore mais. »

(Idem, idem, pag. 75).